



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

De Perón em Perón, as (des)memórias do General a um passo da ficção

Prof. Dr. André Luis Mitidieri

Professor do Departamento de Letras e do PPGL - Mestrado em Linguagens e Representações – da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil.

Docente colaborador junto ao Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-FW), campus de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil.

E- mail: mitidierister@gmail.com

Prof^a. Letícia Batista Guimarães

Graduada em Letras/Espanhol pelo Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil.

Professora da rede pública de ensino do estado da Bahia.

E-mail: leticiaquimaraes09@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo centrar-se nas coletâneas de artigos *Las memorias del General* (1996) e *Las vidas del General* (2004), de Tomás Eloy Martínez), dando ênfase ao sujeito do enunciado e ao referente histórico. Procedese à análise do papel desempenhado pela memória, pela narrativa e pela reescrita do eu nestes artigos que compõem ambas as edições citadas: 1) “Las memorias de Puerta de Hierro”; 2) “Días de exilio en Madrid”; 3) “Ascenso, triunfo, decadencia y derrota de José López Rega”; 4) “Perón y sus novelas”. A voz autobiográfica do ex-presidente da Argentina passa pelas críticas e reavaliações do autor no primeiro artigo enumerado, deposita-se residualmente no segundo e no terceiro textos, de caráter biográfico, e se une à própria voz autobiográfica do escritor, no último desses artigos e nos paratextos dos livros analisados, em processo que permite notar as

fronteiras contíguas entre narrativas memorialísticas, biográficas, históricas e autobiográficas.

Palavras-chave: Autobiografia. Biografia. Memórias. Juan Perón. Tomás Eloy Martínez.

Introdução

Em constante diálogo com a antropologia, a história, a sociologia e outras áreas do conhecimento humano, os encaminhamentos teóricos e analíticos da crítica, da história e da teoria literária buscam compreender os registros da memória, dentre esses, os escritos (auto) biográficos produzidos às margens da história oficial. Assim faz o jornalista e ficcionista Tomás Eloy Martínez, por intermédio de práticas narrativas que envolvem a seleção, descrição e análise de uma trajetória individual como forma de apreensão do passado coletivo. Sua escrita biográfica e autobiográfica intercala-se às memórias do ex-presidente argentino Juan Domingo Perón, permitindo lançar novas visadas a histórias ocultas, silenciadas, mas que, em parte, recuperadas do esquecimento e do silêncio, perfazem o lapso temporal compreendido desde a ascensão do populismo peronista, na década de 1940, às ditaduras militares dos anos 1970.

Quando observamos as representações sobre a sociedade argentina, figuras utilizadas para falar em seu nome parecem referendar uma tradição polemista, típica das sociedades hispânicas (Cf. MATTOS 2003). Palavras como “peronismo” e “antiperonismo”, “civilização” e “barbárie”, entre outras, foram empregadas para ilustrar a geografia de campos de batalha “simbolicamente argentinos”, nos quais estabeleceram os conteúdos da cultura nacional, bem como as peculiaridades sociais de seus intérpretes (Cf. NEIBURG 1997, p. 14). *Maestro de reporteros*, Martínez foge a essa lógica bipolar, buscando desvestir o peronismo de ódios ou amores desmedidos. A obsessão pela temática, verificada em seus romances *La novela de Perón* (1985) e *Santa Evita* (1995), reafirma-se em livros cujos capítulos se integram por artigos jornalísticos de caráter memorialístico, biográfico, histórico e, em parte, autobiográfico: *Las memorias del General* (1996) e *Las vidas del General* (2004).

1. As (des) memórias do General

Las memorias del General origina-se a partir de um texto publicado na revista *Panorama*, em 14 de abril de 1970, e reeditado ao final do livro: “Las memorias del semanario *Panorama*” (MARTÍNEZ 1996, p. 195-218). O jornalista retoma o trabalho, preenchendo suas lacunas a partir de cuidadosa investigação que realiza no ano de 1971. As alterações não contam com o aval do ex-presidente argentino, de modo que o texto reescrito é publicado, após sua morte, no primeiro capítulo de *Las memorias del General* que, intitulado “Las memorias de Puerta de Hierro” (MARTÍNEZ 1996, p. 17-70), alude ao bairro onde se situa a residência que abrigava seu exílio madrilenho: a Quinta 17 de Octubre. Seguem-se anexos comprobatórios da pesquisa, em apêndice nomeado como “Documentos” (MARTÍNEZ 1996, p. 71-126).¹

A mesma coletânea passa a ser intitulada *Las vidas del General* (MARTÍNEZ, 2004) em nova edição, acrescida de um prólogo (p. 9-15) no qual o autor infere, dentre outras considerações, que o título recente lhe parece mais apropriado por refletir nem tão somente os relatos com os quais “*Perón quiso insertarse en la historia sino también los otros relatos disidentes que completan o contradicen esa imagen*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 11). A denominação anterior

restringía su contenido a la historia de vida que Juan Perón me dictó durante cuatro días de marzo de 1970 y que aprobó luego como sus memorias canónicas. Pero el propósito de aquella obra era señalar también las desmemorias del personaje, y me temo que, influidos por el equívoco del título, algunos lectores no lo hayan advertido (MARTÍNEZ, 2004, p. 11).

O escritor ainda informa que, na nova versão, insere dois outros capítulos: “Perón y sus novelas” (MARTÍNEZ 2004, p. 123-134) e “La tumba sin sosiego” (p. 135-170). No primeiro deles, apresenta suas reflexões sobre como transforma as

¹ O documento n. 20, constante nessa seção de *Las memorias del General*, é eliminado da coletânea *Las vidas del general*. Trata-se do informe sobre uma bomba que destruiu o carro de Perón em 1957, quando de seu exílio em Caracas. Ao contrário do que afirmava o general, o explosivo não teria sido colocado no veículo pela embaixada da Argentina na Venezuela e sim pelo chefe do Serviço de Inteligência daquele país.

“desmemórias” do General e o frustrado projeto de uma biografia na obra literária *La novela de Perón* (MARTÍNEZ, 1985). Já o segundo artigo trata das desventuras do cadáver nômade de Evita, mesmo tema da obra literária *Santa Evita* (MARTÍNEZ, 1995). Reiterando os vínculos entre *Las memorias del general* e o primeiro dos romances mencionados, o intelectual argentino afirma que prepara *Las vidas del general* esperando, talvez inutilmente, que dialogue com todas as ficções que ele havia escrito sobre o peronismo e possam encerrá-las. Em suas palavras: “*Con resignación, con fatiga, he notado que el pasado de esas ficciones se parece a mí cada vez menos, y cada vez más a los personajes que lo habitan*” (MARTÍNEZ, 1996, p. 12). No mesmo prólogo, diz suprimir o que considera um pleonasmo: o capítulo “Las memorias del semanario *Panorama*” (p. 195-218). Mais adiante, fornece informações a respeito de quatro outros textos que, constantes na edição anterior, agora voltam a ser republicados.

O prefácio utilizado em *Las memorias del General* passa a servir de introdução ao capítulo “Las Memorias de Puerta de Hierro” de *Las vidas del General* (MARTÍNEZ, 2004, p. 13-122). Dentre outras mudanças que ocorrem nesse paratexto, importa mencionar o fragmento no qual o jornalista afirma que “*este libro restaura los diálogos de Puerta de Hierro en el orden y del modo como sucedieron*” (p. 20) quando, na edição precedente, dizia respeitar e, ao mesmo tempo, se sublevar contra a vontade de Perón (Cf. MARTÍNEZ, 1996, p. 14). Outra alteração, menos significativa, refere-se à omissão de que o corpo completo das “Memórias” se originou daqueles diálogos. Na versão posterior, é também suprimida a seguinte frase: “*Todo lo que yo dije está compuesto en letras [VERSALES MENUDAS]*” (MARTÍNEZ, 1996, p. 15).

A nova edição ainda elimina totalmente os dois últimos parágrafos do prefácio, bem como sua datação, os quais integravam a coletânea de 1996, e são logo citados:

El delta de las ‘Memorias’ engendró casi todos los otros textos de este libro. Dos de ellos, ‘Días de exilio en Madrid’ e otro título más arduo – ‘Ascenso, triunfo, decadencia y derrota de José López Rega’ – nacieron como fragmentos de la biografía de Perón que comencé a escribir en 1974, con la sospecha de que ese género podía derivar en un libro inverosímil. Ambos adolecen de una pasión documental quizás excesiva. ‘El miedo de los argentinos’ es un testimonio

personal que se publicó, con alteraciones, como suplemento de un diario de Buenos Aires. 'Perón y los nazis' fue, en su origen, una presentación académica: lo delata el abuso de notas y el afán de probar que cada dato es verdadero.

Cada uno de los datos de este libro tiene un documento, una carta, una cinta grabada que avala su veracidad. En los inciertos años en que estas páginas fueron escritas, la ilusión de verdad era todo lo que los argentinos, podíamos llevar de un lado a otro y tal vez lo único de lo que no fuimos despojados.

Highland Park, septiembre de 1995 (MARTÍNEZ, 1996, p. 15).

O enredo de “Las memorias de Puerta de Hierro” se inicia em uma manhã de fevereiro de 1970, quando o jornalista, então correspondente da editora Abril na Europa, entra em contato por telefone com Perón, solicitando conceder-lhe uma entrevista que relate sua vida desde o princípio. Os depoimentos, em geral, lidos por López Rega, apenas podem ser coletados a partir do final de março. Às vezes, Perón incorpora digressões ao relato e preenche os vazios dos textos lidos pelo secretário. Outras vezes, esse corrige as recordações ou as enfeita com comentários insólitos:

Cada tarde, cuando la atención del General declinaba y el cansancio iba apagándole las facciones, López Rega se apoderaba de la conversación y fingía ser Perón. En ciertos momentos, hablaba como Perón. No imitaba su voz cascada ni el énfasis de su discurso. Iba más allá: decía 'yo' cuando ese yo era el de su jefe (MARTÍNEZ, 2004, p. 17).

É por isso que toda a narrativa correspondente à voz do “Bruxo”, inclusive os parágrafos que Perón lhe manda ler, aparecem em itálico no texto, a fim de “separar esa voz de la del General y evitar las confusiones de un yo que se encarama sobre outro” (MARTÍNEZ, 2004, p. 20). López Rega chega ao ponto de descrever a si próprio acompanhando seu chefe

al velorio de Bartolomé Mitre, en 1906, lo que era virtualmente imposible porque el mayordomo había nacido en 1916. Tanto Fernández Moreno com yo lo interrumpimos para advertir a Perón sobre el anacronismo. López Rega insistió en que el hecho ilógico era también verdadero, y el General no lo desaprobó (MARTÍNEZ, 2004, p. 17).

O capítulo em vista deveria dar conta da história da vida de Perón, desde a infância até sua chegada ao poder. No entanto, assinala também as “desmemórias do personagem”, como sabemos, preenchidas pela voz de José López Rega, “El Brujo”. O memorialista esquiva-se das histórias que dizem respeito à intimidade ou à vida sentimental. Dessa forma, omite sua condição de filho natural no primeiro capítulo das “memórias”, intitulado “Antepassados”. A investigação levada a cabo por Martínez dá conta de que a certidão de nascimento do General

no figura en su legajo militar, y en una fe de bautismo que se dio a conocer después de 1955 figura como ‘hijo natural’, pero ese documento tiene tantas huellas de tachaduras y raspones que sólo puede ser invocado con reservas. La única prueba plena del origen ilegítimo de Perón – que iba a marcarlo con un ilevantable resentimiento contra la madre – es el acta de casamiento que se transcribe a continuación y cuya copia notariada está en mis archivos (MARTÍNEZ, 2004, p. 74).

Embora declarados como memórias, os relatos de Perón se organizam à maneira das antigas escritas de vida, antecessoras do gênero biográfico, mais especificamente, ao modo de Plutarco. É de tal forma que o protagonista, em meio às narrações de Martínez e López Rega, narra a si mesmo como um sujeito cujos auge e fim da vida dão acabamento a um caráter já anteriormente revelado: o do firme líder militar, a quem seria confiada a condução dos destinos de seu país. Interessa destacar três livros apresentados pelo pai ao então recém-formado subtenente: “*las cartas a su hijo y a su ahijado, de Philip Stanhope, conde de Chesterfield; las Vidas paralelas de Plutarco en la edición Garnier, bajo el título de Varones ilustres, y el Martín Fierro, de José Hernández*” (MARTÍNEZ 2004, p. 34-35).

O entrecruzamento das memórias (porque resultantes da memória de Perón, do relato em primeira pessoa) e da biografia (porque se trata das memórias reelaboradas pela escrita em terceira pessoa do jornalista que lhe escutou e pelas intervenções de López-Rega) admite empreender discussão sobre as relações históricas e sociais que se imbricam aos meios através dos quais o sujeito é lembrado ou esquecido individualmente no decorrer do tempo. Sua vinculação com distintos movimentos e grupos não se desatreia da trajetória pessoal. Assim, a carreira na caserna revela-se como fio condutor do discurso de Perón, sobrepondo-

se ao plano afetivo-familiar, de modo que, ao falar da árvore genealógica, logo ao primeiro subcapítulo, ele ressalta:

Mi padre era hijo de don Tomás L. Perón, médico y doctor en química. La vida de ese abuelo está sembrada de honores: fue senador nacional (mitrista) por la provincia de Buenos Aires, presidente del Departamento Nacional de Higiene, que él mismo había creado, y practicante mayor del Ejército en la guerra del Paraguay. Desempeñó varias misiones en el extranjero, especialmente en Francia, donde vivió algún tiempo, y participó en la batalla de Pavón (MARTÍNEZ, 2004, p. 21).

Na sétima seção de “Las memorias de Puerta de Hierro”, “Sentar cabeça”, o narrador-personagem comenta a morte do pai aos 61 anos, em 1928, frisando o posto que então ocupava na hierarquia militar: o de capitão. Benita Escudero de Toledo confirma o ano de falecimento do pai do político argentino, Mario Tomás Perón, ao mesmo tempo em que acrescenta outro dado às pesquisas de Martínez, suplementando, como é o objetivo de seu testemunho, as “memórias” do General, ao informar que a viúva, Juana Perón, conheceu Marcelino Canosa em 1931 e

hacia el año '36 o '37 se casó con él porque se veía muy sola [...] Canosa era como veinte años menor que ella – si hubiera sido un hombre de ciudad, ése no se casa -, pero se vieron los dos solos, él por joven y ella por haber perdido las esperanzas. A Perón no le gustó nada y estuvo un largo tiempo disgustado con doña Juana, pero jamás le dijimos una palabra ni habló del tema (MARTÍNEZ, 2004, p. 98).

A citação confirma os atributos limitadores e seletivos da memória, “*su textura frágil, parcial, manipulada y discontinua, por la erosión del tiempo, por la acumulación de experiencias, por la imposibilidad real de retener la totalidad de los hechos y, en todo caso, por la acción del presente sobre el pasado*” (CUESTA BUSTILLO, 1998, p. 206). Dentre as seções de “Las memorias de Puerta de Hierro” que dão ciência da vida de Perón entre o poder e a derrocada, em 1955, o décimo-primeiro subcapítulo, dedicado a “Evita” (MARTÍNEZ, 2004, p. 49-54), evidencia o caráter de seleção empregado na narrativa e a submissão da memória, assim como da história, à visão do memorialista e a seu desejo de autoglorificação: “*Eva Perón es un producto mío. Yo la preparé para que hiciera lo que hizo. La necesitaba en el sector social de mi conduccion. Y su labor allí fue extraordinaria*” (MARTÍNEZ, 2004,

p. 49). Essa afirmação se reitera mais adiante, em passagem impregnada de sexismo que atribui à ex-primeira dama uma função de objeto e na qual o narrador reforça a ideia de que ela foi mero produto seu, uma partícula no que considera “o conjunto da arte da condução”:

En la mujer hay que despertar las dos fuerzas extraordinarias que son la base de su intuición: la sensibilidad y la imaginación. Cuando esos atributos se desarrollan, la mujer se convierte en un instrumento maravilloso. Claro, es preciso darle también un poquito de conocimiento [...] La acción de Eva fue ante todo social: ésta es la misión de la mujer. En lo político, se redujo a organizar la rama femenina del Partido Peronista. Dentro del movimiento, yo tuve la conducción del conjunto; ella, la de los sectores femenino y social (MARTÍNEZ, 2004, p. 51-52).

Ainda que dedique maior espaço textual a Eva Perón, o memorialista não deixa de se referir a María Estela Martínez Cartas. Autoapelidada Isabelita, com ele, a terceira esposa integrará a fórmula presidencial em 1973 e o substituirá como presidente da Argentina após sua morte, a 01 de julho de 1974:

Alguien que también ha llegado lejos con el aprendizaje es mi nueva mujer, Isabelita. Un día, cuando nombraron hijo ilustre de Arévalo a mi amigo Emilio Romero, él habló de mí en su discurso y de lo que mi gobierno había hecho por España en un momento difícil. Isabelita se emocionó y se puso a llorar. Le sacaron una fotografía con expresión de llanto que tengo arriba de mi escritorio. En esa sensibilidad está la base de la acción de toda mujer (MARTÍNEZ, 2004, p. 54).

Esse ponto de vista, sintomático pela brevidade da referência a Isabelita, se correlaciona com as também breves abordagens à mãe e à primeira mulher de Perón: “*Mi madre murió casi de ochenta, cuando andaba yo por la segunda presidencia. En el 28 me casé con Aurelia Tizón. Era muy buena chica, concertista de guitarra. Tocaba muy bien. Desgraciadamente falleció joven*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 38). Notamos aqui a propriedade da substituição dos títulos, de *Las memorias del General* para *Las vidas del General*, pois sobre a família, as amizades e a vida social do sujeito do enunciado, muitas vezes, da enunciação, predomina sua identidade como político e, acima dessa, como militar.

Por sua vez, o caráter público do gênero memorialístico, responsável por diferenciá-lo do gênero autobiográfico, de traço mais intimista, se exemplifica na

seguinte citação, em que a história ocidental é submetida à história argentina, numa clara e risível deturpação da memória, a favor da propaganda personalista:

Lo que sucedió en 1945 fue lo que después inventaron los franceses en mayo de 1968. Ellos pusieron en marcha nuestras mismas ideas, emplearon las mismas palabras: 'Somos guerrilleros contra los que nos quieren vender la muerte climatizada con el título de porvenir', 'La sociedad de consumo debe morir de muerte violenta', 'La imaginación al poder'. Todo eso ya había sido dicho por nosotros veinte años antes (MARTÍNEZ, 2004, p. 55).

Nas páginas seguintes, Perón entremeia pontos de sua doutrina à organização das lembranças, discorrendo sobre liberação político-econômica, o que significa libertar-se de uma “sinarquia internacional” da qual fariam parte “el capitalismo, el sionismo, el comunismo, la masonería y el clero tradicional, apoyados por los cipayos” (MARTÍNEZ, 2004, p. 58). Ele ainda define sua “teoria dos anticorpos”, assim resumida:

Claro que, dentro de la clase trabajadora y del movimiento peronista, terminaron por aparecer algunos traidores. Pero cuando los dirigentes vienen a pedirme la cabeza de esos hombres, les contesto que no hagan nada. Esos hombres son útiles. En las organizaciones institucionales sucede lo que en el cuerpo humano: se salvan gracias a las autodefensas (MARTÍNEZ, 2004, p. 63).

Na mesma ocasião, a intencionalidade proselitista praticamente oculta um fato memorável, o qual transita da esfera individual à história nacional e é apenas tangenciado: “Nunca intervine en las discusiones políticas, ni siquiera cuando quisieron llevarme de vuelta a la Argentina sin medir bien las consecuencias” (MARTÍNEZ, 2004, p. 63). Outra vez, é o trabalho de investigador feito por Martínez que se responsabiliza pelo esclarecimento da história. Intencionalmente ou não, a memória de Perón falha, conduzindo-o de sujeito da enunciação a sujeito do enunciado:

El 1º de diciembre de 1964, Perón intentó regresar a la Argentina desde su exilio madrileño en el vuelo 991 de la línea Iberia [...] salió de la quinta '17 de Octubre' de Madrid escondido en el baúl de un automóvil Mercedes Benz y abordó el avión en Barajas a la una de la madrugada del 2 de diciembre. Cuando aterizó en el aeropuerto de Río de Janeiro a la mañana siguiente, el gobierno del Brasil – respondiendo a una solicitud diplomática del gobierno constitucional

argentino – le impidió seguir viaje y lo obligó a volver a España esa misma noche, en el mismo avión de Iberia (MARTÍNEZ, 2004, p. 115).

As convicções do General marcam a disposição de sua memória sobre o assassinato de um líder peronista, testa-de-ferro da “Operación Retorno”: “*Yo no sé quién le pegó los tiros, pero sé quién los mandó pegar. No fueron sus enemigos dentro del campo sindical. A Vandor lo asesinaron la CIA y el gobierno argentino*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 66). A informação, contudo, é imprecisa. Demonstrando aquele ponto em que a ficção se sobrepõe à memória dos acontecimentos, a nota de rodapé n. 30, aposta pelo autor da coletânea de artigos, esclarece:

Cuando Perón dictó sus Memorias, ninguna organización había reivindicado el asesinato de Augusto Timoteo Vandor, en junio de 1969. En 1972, fue atribuido a una pequeña fracción de Montoneros, el Ejército Nacional Revolucionario, cuya conducción asumió Dardo Cabo. Según una investigación de Horacio Verbitsky, dada a conocer en abril de 1995, el escritor Rodolfo Walsh habría participado en la preparación y logística del atentado (MARTÍNEZ, 2004, p. 66).

As concepções do General sobre o país e seus prováveis planos para governá-lo novamente subtraem ao texto seu caráter memorialístico, o que se torna mais evidente nos três últimos subcapítulos. No subcapítulo 16, “O ciclo econômico”, já começa por situar-se no presente da narração – “*Ahora, el país se mueve a costa de la salud y de la vida de sus habitantes [...]*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 67) – para só então falar de suas gestões frente à Argentina. O mesmo expediente é utilizado no subcapítulo 17: “*Observemos ahora lo que está pasando en 1970. El gobierno de [general Juan Carlos] Onganía pretende solucionar los problemas y no sabe cómo*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 69). Depois de expressar sua doutrina – “*De lo económico proviene lo afectivo, porque la víscera más sensible del hombre es el bolsillo, no el corazón*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 69) –, o General retorna ao plano das memórias, mas para fazer propaganda da política econômica de suas administrações.

O décimo oitavo e último subcapítulo de “Las memorias de Puerta de Hierro”, intitulado como “O exército e a história”, inaugura-se pela seguinte avaliação de Perón: “*El que no me comprendió fue el Ejército. No me comprendió por miedo. Todavía tiene miedo de que, si recuperamos el poder, le quitemos la pitanza [...]*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 71). Então, as memórias que deveriam ser do General se

voltam à história remota da nação argentina: *“Dentro de nuestra historia hubo dos líneas muy claras: la que obedece al imperialismo británico, y la nacional, la línea hispánica [...]”* (MARTÍNEZ, 2004, p. 71-72).

O retorno da narrativa às memórias do General não se dá sem entremear-se à história-pátria:

Cuando en 1947 las Naciones Unidas ordenaron el bloqueo contra España, yo convoqué a una reunión urgente de gabinete para discutir el tema. Mi canciller era el doctor Atilio Bramuglia, de extracción socialista que no simpatizaba con España. Pero yo dije que, si nosotros sosteníamos la línea hispánica, debíamos apoyar a ese país, fuera cual fuese su gobierno: Franco o cualquier otro. Yo sabía que quien iba a sufrir el hambre no era Franco sino el pueblo español. Yo, con el voto argentino, rompí la unanimidad que se necesitaba para el aislamiento diplomático, y evité el bloqueo. En cambio los españoles cada vez que han podido me han vuelto la espalda (MARTÍNEZ, 2004, p. 72).

Perón deixa uma espécie de mensagem logo ao encerrar suas (des)memórias: *“No me arrepiento del itinerario que seguí en la vida, porque siempre pude dormir sin remordimientos. Así como no nace el hombre que se escape a su destino, no debiera nacer el hombre que no tenga una causa por la cual luchar”* (MARTÍNEZ, 2004, p. 73). As intervenções realizadas pelo jornalista se responsabilizam por uma espécie de contraponto à memória individual. Os momentos nos quais o autor caracteriza Perón em terceira pessoa fazem com que o discurso narrativo transite das memórias à biografia, como no caso seguinte: *“Supe entonces que el General era hijo ilegítimo, lo que a comienzos de siglo hubiera podido arruinar su carrera en el Ejército. Supe también que, al casarse en 1901, los padres lo habían reconocido a él y a su hermano Mario Avelino, cuatro años mayor”* (MARTÍNEZ, 2004, p. 19).

Como visto, Martínez se preocupa em contrapor, ao relato memorialístico de Perón, fontes documentais que o ajudam a compor um tipo de retrato biográfico. Nessa relação em que memória e história se encontram e desencontram, Lucette Valensi (1998, p. 68) faz-nos lembrar que a história, sendo uma atividade cognitiva, viabiliza

los medios de conocer el pasado y de comprenderlo. El saber que produce no es menos social en su recepción que en sus usos. En la

medida en que las secuencias del pasado forman nuestra identidad narrativa, en la medida en la que nos dicen lo que somos, la reinterpretación del pasado es un trabajo siempre por reelaborar.

Em nossos tempos, a historiografia não prescinde das memórias do passado que, conservada por gerações, exerce sobre os testemunhos todo o controle e rigor que caracterizam os métodos dos historiadores. Como reitera a pesquisadora espanhola Josefina Cuesta Bustillo (1998, p. 221), “a escolha, o interesse e a focalização do presente avalizam a especificidade dos lugares da memória”. Do mesmo modo que a história se intersecciona aos registros orais ou escritos capazes de desencavar lembranças passadas, a escolha, o interesse e a focalização do presente garantem a especificidade dos “lugares de memória”.

2. Biografia, história, autobiografia

Seja no próprio gênero biográfico, seja em textos de cunho biográfico, o sujeito do enunciado pode ser revelado autobiograficamente por meio dos depoimentos fornecidos por seu equivalente sujeito histórico. A composição biográfica também faz uso dos testemunhos alheios e dos arquivos, a cada momento, passíveis de serem descobertos, reabertos, recompostos. A acumulação heteróclita da memória, revelada pela escrita (auto)biográfica, torna-se paralela ao arquivo, como lugar “em que os rastros são frequentemente fragmentários e a parte somente adquire sentido frente a uma totalidade hipotética, ainda que inalcançável” (ARFUCH, 2009, p. 374). A ordem dos registros, vinculada ao espaço e a temporalidade, não deixa de se nortear pela leitura e pela interpretação dos artigos de Martínez aqui estudados: “*Después de tres décadas, muchas de las pasiones que Perón encendió se han apagado, y su historia- sobre todo la elusiva historia de su juventud- puede, tal vez, ser leída sin prejuicios*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 20).

Uma das características do gênero biográfico, segundo se apresenta na modernidade tardia, consiste no fato de os biógrafos não reprimirem a tentação de narrar a si mesmos quando envolvidos na abordagem de uma vida. É assim que, ao escutar o ex-condutor dos destinos argentinos, entre os intervalos de sua voz e de seu braço direito, López-Rega, o repórter se converte em biógrafo, ao mesmo tempo

em que fala de si mesmo, como alguém que viveu aquele período histórico, o que fica patente desde o começo de *Las vidas del general*, já no prólogo a essa coletânea:

Yo no estaba satisfecho, en cambio. Me parecía que el texto tenía demasiadas lagunas y que, como toda biografía autorizada, era demasiado servicial. Volví a la Argentina en los primeros meses de 1971, decidido a llenar los vacíos. Entrevisté a dos amigos de la infancia del General – uno de los cuales era su prima hermana-, a ex compañeros de promoción en el Colegio Militar, a una de sus ex cuñadas- María Tizón- y a decenas de testigos de otros episodios de su pasado. Como los datos que Perón me había dado sobre su padre en Lobos eran imprecisos y contradictorios, conseguí en el Registro Nacional de las Personas una copia de la partida del matrimonio de Mario Tomás Perón con Juana Sosa (MARTÍNEZ, 2004, p. 18-19).

As constantes intervenções do jornalista nas assim chamadas “desmemórias” levam-no à tentativa de dedicar ao General um texto majoritariamente biográfico. Entretanto, no artigo “Perón y sus novelas” (MARTÍNEZ, 2004, p. 123-134), como visto, o autor esclarece porque recicla as “Memorias del semanario *Panorama*” e “Las Memorias de Puerta de Hierro” no romance *La novela de Perón*:

Entre 1970 y 1974 publiqué en Buenos Aires unas memorias de Perón que el propio Perón sancionó como legítimas y que los historiadores suelen usar como fuente principal para sus investigaciones. Yo había grabado ese conjunto de memorias durante un total de treinta e dos horas, entre 1966 y 1970. Cuando compaginé las grabaciones, advertí que Perón había omitido hechos importantes y que en algunos casos los había tergiversado, ordenándolos bajo una luz más favorable. Al enviarle la versión final para que la aprobase, adjunté una serie de notas al pie de página en la que dejaba constancia de las omisiones e inexactitudes observadas. Perón me devolvió el texto final de las memorias sin corrección alguna. Quería las memorias que él había dictado, y punto. Mi alternativa era entonces publicar el texto tal como lo exigía, puesto que se trataba de un texto autobiográfico, o arrojar mi investigación adicional a la basura. En aquel momento, cuando aún estaba en el exilio, a Perón le interesaba más forjar su propio monumento (o, para decirlo de un modo más benévolo, establecer su verdad política como verdad última, única, aquella única verdad que para él se confundía con la realidad) antes que resignarse a la verdad histórica (MARTÍNEZ, 2004, p. 127-128).

No texto anteriormente citado, o escritor tenta responder a si mesmo uma pergunta intrigante: por que converte o sujeito de suas investigações e escritas em protagonista de uma obra romanesca, quando dispõe de material suficiente para

compor uma biografia? Mais adiante, na abertura ao quarto capítulo de *Las vidas del General*, “Días de exilio en Madrid” (MARTÍNEZ, 2004, p. 171-178), apresenta uma declaração que não fazia parte de *Las memorias del General*:

Este relato sobre la vida cotidiana de Perón en España nació como fragmento de la biografía que comencé a escribir en 1974, con la sospecha de que, si persistía en ese género, terminaría por componer un libro inverosímil. La ilusión de la biografía duró pocos meses. A mediados de aquel año, decidí publicar algunos fragmentos como ensayos periodísticos y transfigurar los otros datos en una novela. Mis apuntes aparecieron en el diario La Opinión el 2 de julio de 1974, al día siguiente de la muerte de Perón (MARTÍNEZ, 2004, p. 173).

O artigo em grifo, à moda de um pequeno relato biográfico informa-nos que, chegando a Madri, Perón “*debió ocupar un departamento caro, cerca del centro, en la avenida del doctor Arce, hasta que la opresora ausencia de paisaje acabó por ahuyentarlo*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 173). Nas poucas páginas que revelam a tranqüila vida do político no exílio, o discurso em terceira pessoa informa sobre suas primeiras moradas e a construção da “Quinta 17 de Octubre”. Logo a seguir, a palavra é cedida ao protagonista: “*Fue entonces cuando aparecieron unos amigos españoles, los dueños de la inmobiliaria Alcázar, y me tentaron a invertir el millón de pesetas que había ahorrado*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 173).

A consciência acerca da sobreposição dos planos do narrador Martínez e do memorialista, quer dizer, sobre a reelaboração da história de um eu por um outro que narra, se mostra no momento em que o discurso indireto convive lado a lado com o discurso direto:

Quiso comprar una tierra que era puro campo, nueve kilómetros al noroeste de la avenida Arce: no tenía el salvajismo de la pampa donde había crecido, pero al menos era una tierra brava, ganada por los yuyos y con el paisaje a medio hacer. Al verla, pensó que era ‘demasiado seca y poco favorable para las plantas’, y le gustó que la humedad de la que él provenía lo ayudase a domesticar este cobijo extranjero y a imponerle sus manías (MARTÍNEZ, 2004, p. 173).

A mesma incidência é repetida pelo narrador. Desta vez, porém, seu discurso é disposto em um parágrafo e o do protagonista, em outro:

El 14 de abril de 1964 compró la tierra, pero eso fue después de imaginar una casa dentro de ella.

‘Le hablaré de mi casa, cómo no. Yo había construído tantas para otros que decidí estar cerca cuando hiciera ésta para mí. Me senté a dibujar los planos y a calcular los materiales. Tardamos seis meses en terminar. Venía por la mañana temprano con café y cognac para los albañiles. Era invierno, y el aire frío nos quemaba los pulmones’ (MARTÍNEZ, 2004, p. 174).

Os verbos no futuro do pretérito realçam o plano da casa, seu projeto, antes da concretização mesma do prédio. É o que ocorre neste exemplo, em que a significação narrativa, tendendo à ficção literária, indica a tentativa empreendida pelo General, de transformar Isabelita em uma cópia de Evita:

Ante la puerta, diez pasos hacia el fondo, abriría un salón que iba a servir primero para los ejercicios matinales de florete y después para las audiencias colectivas, cuando los visitantes arreciaran. Pensaba colgar allí el retrato de Isabel, en tamaño natural, pintado por el español Agustín Segura: lo instalaría frente a la chimenea, y sobre ella un espejo en el que el retrato podría duplicarse. Al lado, en la repisa de la chimenea, haría sitio a una postal coloreada de Evita que la revelaba triste y bella a la vez, como en la tarde del renunciamento (MARTÍNEZ, 2004, p. 175).

O relato que deveria consistir em segmento de biografia, escrita de uma vida, abre um de seus parágrafos para a história da cidade. Esse movimento relaciona-se a uma característica do gênero biográfico que consiste em localizar topicamente o sujeito do enunciado e em associar sua representação à do espaço no qual está inserido:

La tierra estaba en un confín del bosque de El Pardo, donde hasta medio siglo atrás habían cazado los reyes españoles. Todavía quedaba un suelto olor a ciervo muerto entre las encinas, y las cercanas aguas del Manzanares solían repetir, sobre todo por la noche, el bufido de los perros de presa. En los pergaminos de la Villa y Corte de Madrid, el paraje se llamaba Fuente de la Reyna, pero la guerra civil había transformado ya el sentido de aquel nombre. El 5 de enero de 1937, el ejército nacionalista de Luis Orgaz y Yoldi había talado el bosque con oleadas de tanques y artillería ligera, forzando el retroceso de las brigadas de Líster. La hierba tardó en crecer. Luego, en medio del páramo, se construyeron las piletas populares y el hipódromo de la Zarzuela desde donde llegaban, en las tardes de domingo, las ovaciones de los señoritos (MARTÍNEZ, 2004, p. 174).

O espaço torna-se paralelo ao sujeito representado, ao mesmo tempo em que passado e presente se encontram, assim como os resíduos das “desmemórias” do General se imiscuem no relato de caráter biográfico:

Su dormitorio estaría entre el de Isabel y la biblioteca, donde pensaba pasar la mayor parte de sus horas. ‘Llevo la vida más retenida que puedo. Trabajo y escribo mucho en este cuarto hospitalario, que he aislado de los ruidos con un revestimiento de madera oscura. Y camino: camino por lo menos cuatro kilómetros al día. Todo viejo se pudre como los postes del alambrado. La parte enterrada es la que se echa antes a perder. Pero también se descompone ligero la parte de arriba, donde el agua cae más fuerte y se amontona la intemperie. Así que la cabeza y las piernas son lo que más uno debe cuidar’ (MARTÍNEZ, 2004, p. 175-176).

O mesmo procedimento é utilizado mais adiante, na descrição de Canela, uma cadela *poodle*, a quem o General “*había querido ‘como a un ser humano’*” (MARTÍNEZ 2004, p. 176). A seguir, a palavra passa novamente do narrador ao protagonista, em intervalo mais longo:

Perón tardó varios días en rendirse a la evidencia, y al fin la enterró bajo un algarrobo cubierto de hiedra. ‘Como si la estuviera viendo, como si todavía le oyera los ladridos. Era una caniche nieta de campeones que me acompañó en todos los caminos del destierro [...] Los perros caniches suelen emplearse para la caza de agua. Son nadadores habilísimos. Pero jamás los he trastornado con esos menesteres. No me gusta matar animales’ (MARTÍNEZ, 2004, p. 176-177).

A citação parece referir-se alegoricamente a Evita e aos companheiros de Perón no exílio. Isso se justifica a partir do momento em que o parágrafo seguinte intercala a voz do narrador com a escritura da “Quinta 17 de Octubre”, documento que

asignaba la propiedad de diez mil metros cuadrados, con un frente de ciento diez metros sobre la calle Navalmanzano y un fondo de ciento seis sobre la del Arroyo Fresno, ‘a doña María Estela Martínez Cartas, sin profesión conocida’, que contaba para la operación ‘con el consentimiento expreso de su esposo, don Juan Domingo Perón, de profesión militar’ (MARTÍNEZ, 2004, p. 177).

Mais adiante, a voz do narrador é compartilhada com a voz do General, em tempos igualmente diferenciados: “*El precio de la tierra fue estimado en 750 mil pesetas y el de la casa en 2.155.000. ‘Ahora’, dice Perón mucho tiempo después, en*

1970, *‘quieren pagarme diez veces más’* (MARTÍNEZ, 2004, p. 177). A mesma estratégia se repete, como a sinalizar para a confluência das perspectivas do biógrafo e do biografado, em uma pluralidade de identidades típica do gênero biográfico em sua “era hermenêutica” (Cf. DOSSE, 2007, p. 297-362): *“Perón acostumbraba levantarse a las siete de la mañana. Le gustaba que el sol entrara sin remilgos en el dormitorio mientras él sintonizaba Radio Nacional de España y escuchaba el noticiero del amanecer, ‘bastante bien hecho aunque se hable poco de nuestro país, por desgracia’* (MARTÍNEZ, 2004, p. 177). É o que também acontece nesta passagem: *“Le apasionaban sobre todo los westerns, pero jamás se fijó en quién era el director o qué actores figuraban en el reparto. ‘Lo que busco es distraerme y descansar’, decía”* (MARTÍNEZ, 2004, p. 177-178).

Figura já conhecida, López Rega é quem trata da agenda do General que, somente depois de aprová-la, faz sua caminhada matinal e, depois, almoça frugalmente: *“una sopa, algún churrasco con ensalada, nada de vino. ‘Eso ocurre entre la una y media y las dos, luego de haber atendido a los visitantes y de revisar la correspondencia. Enseguida, me tiro un rato en la cama, pero no para dormir. Allí sigo revisando las cartas y los periódicos’ [...]”* (MARTÍNEZ, 2004, p. 178). O procedimento utilizado para descrever a rotina do ex-presidente, como os anteriores, valendo-se de duas vozes interpostas, assim encerra o relato: *“Hacia 1972, en San Sebastián, dijo en una conferencia de prensa que estaba dispuesto a abandonar ‘en cualquier momento’ la casa y el parque en los que ‘puse mis mejores cuidados de viejo’. Lo dijo, pero quizá ni él mismo lo creía”* (MARTÍNEZ, 2004, p. 178).²

Conclusão

No conjunto dos textos analisados, Martínez oferece sua voz autobiográfica, quando neles insere o próprio testemunho, e ainda fixa posições metanarrativas ao descrever episódios curiosos que envolvem a produção textual. Seus artigos

² A última frase não consta em *Las memorias del General*. Em seu lugar, o autor havia disposto um novo parágrafo, no qual afirma não imaginar o que Perón faria ao final daquele ano, tampouco, que não voltaria à Quinta 17 de Octubre desde junho de 1973, quando iniciou sua fugaz experiência final de governante. No texto-fonte: *“No imagino que lo haría a fines del mismo año, y que ya no volvería a ella desde junio de 1973, cuando inició su fugaz experiencia final de gobernante”* (MARTÍNEZ, 1996, p. 134).

estruturados na órbita de um eixo ao mesmo tempo histórico e jornalístico ancoram-se na memória, no espaço e no tempo, permitindo discutir estratégias de representação vistas em gêneros que conformam o espaço biográfico – memórias, biografia, autobiografia – em suas relações com a história argentina e latino-americana do século XX.

No processo através do qual a evasão das provas faz com que logo transforme seus contornos biográficos de Perón em possíveis metáforas de um país perdido, mostra-se consciente de que historiadores e biógrafos “[...] *están condenados a exponer hechos, datos y fechas, a desentrañar el ser real de un hombre a través de las huellas sociales que ese hombre ha dejado. Se disculpan porque deben reducir la infinitud de una vida a un texto que es limitado y finito*” (MARTÍNEZ, 2004, p. 130-131).

Abstract: This paper aims at focusing *Las memorias del General* (1996) and *Las vidas del General* (2004), written by the Argentine novelist and journalist Tomás Eloy Martínez, reinforcing the subject of enunciation and the historical referent. It's analyzed the role played by memory, narrative and rewriting of the self in articles which are present in both editions and have as their titles: 1) "Las memorias de Puerta de Hierro", 2) "Días de exilio en Madrid", 3) "Ascenso, triunfo, decadencia y derrota de José López Rega" 4) "Perón y sus novelas." The autobiographical voice of the former president of Argentina faces the critical considerations and reassessments of the author in the first item listed, as long as it remains in the second and third texts, featured as biographical. The autobiographical writer's own voice is also considered in the last of these articles and in paratexts of the analyzed books, in a process that allows to note the adjacent borderlines between narratives belonging to memoirs, biographical, historical and autobiographical areas.

Keywords: Autobiography. Biography. Memoir. Juan Perón. Tomás Eloy Martínez.

Referências

- ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria de; Marques, Reinaldo (Orgs). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009. p. 370-383.
- CUESTA BUSTILLO, Josefina. Memoria e historia: un estado de la cuestión. In: CUESTA BUSTILLO, Josefina (Org.). **Memoria e historia**. Madrid: Marcial Pons, 1998. p. 203-224.
- DOSSE, François. **La apuesta biográfica**: escribir una vida. Traducción de Josep Aguado y Concha Miñana. Valencia: PUV, 2007.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Las memorias del General**. Buenos Aires: Planeta, 1996.
- MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Las vidas del General**. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.
- MATTOS, Cristine Fickelsher de. **En torno al lector en la obra de Tomás Eloy Martínez**. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero25/teloyma.html>>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do Peronismo**: estudos de antropologia social e cultural. Traduzido por Vera Pereira. São Paulo: EdUSP, 1997.
- VALENSI, Lucette. Autores de la memoria, guardianes del recuerdo, medios nemotécnicos. Cómo perdura el recuerdo de los grandes acontecimientos. In: CUESTA BUSTILLO, Josefina (Org.). **Memoria e historia**. Madrid: Marcial Pons, 1998. p. 57-68.